



PESCA COMUNITÁRIA

COOPERAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

UM COMPLEXO SISTEMA DE COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÕES GARANTE SUSTENTABILIDADE ECONÔMICA, AMBIENTAL E SOCIAL ÀS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO PANTANAL

POR RAFAEL MORAIS CHIARAVALLOTI

Fotos: Rafael M. Chiaravalotti

O Pantanal é um ambiente complexo. E os pantaneiros precisam buscar mecanismos igualmente complexos para sobreviver. Soluções simples para ambientes assim, desafiadores, jamais funcionaram ou funcionarão. “No Pantanal, quem não tem criatividade, morre!”, costuma dizer a pesquisadora Zilca Campos, da Embrapa. Isso vale tanto para pesquisadores, quanto para pantaneiros – embora, no segundo caso, o sentido seja literal.

Desde 2012, venho estudando pescadores e coletores de iscas da Borda Oeste do Pantanal. O objetivo é tentar entender como a pesca artesanal é realizada na região e como as pessoas se organizam, além de avaliar a sustentabilidade de suas atividades, verificando se existem indícios de impactos negativos preocupantes ou se o manejo pratica-

do pelos comunitários é suficiente e deve ser apoiado.

Para coletar os dados, minha estratégia foi morar com os comunitários entre 2014 e 2016. Adotei basicamente duas práticas: em primeiro lugar, propus um mapeamento participativo, por meio da distribuição de celulares com um aplicativo chamado Sapelli. O aplicativo foi desenvolvido para permitir que os ribeirinhos pudessem registrar as regiões onde pescam e o período do ano no qual pescam. Em segundo lugar, adotei o que os antropólogos chamam de observação participante: acompanhar as pessoas em seu dia a dia; conversar com elas; entender a história de cada uma e a dinâmica das famílias. E, principalmente, compreender como fazem para ter sucesso na pesca.

Primeira lição aprendida: pescar



Cada pescador explora uma área (acima) e compartilha informações com a comunidade (próx. pág. à dir.). Com um localizador de celular (próx. pág. à esq.) e observação participante (próx. pág. abaixo), o pesquisador estuda o complexo sistema de pesca artesanal

(peixe ou isca) é uma profissão estressante. Muito! O pescador acorda, toma café da manhã e então decide para onde irá, procurar peixe. Se optar pelo lugar errado, pode gastar combustível e voltar sem nada para vender; um prejuízo grande. E adivinhar onde está o peixe, em meio à dinâmica das águas pantaneiras, é uma tarefa extremamente complicada.

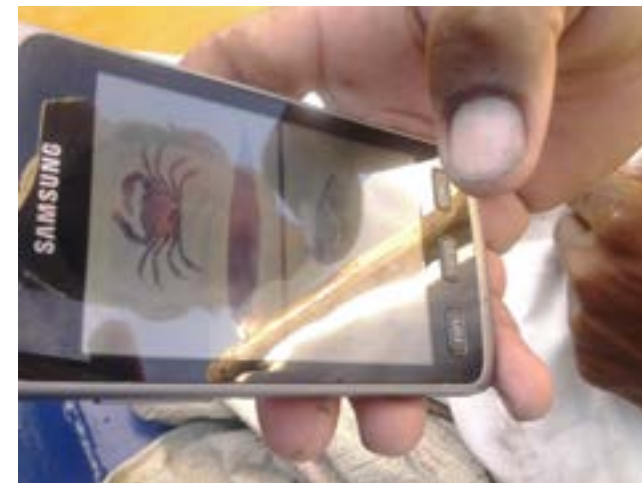
Anualmente, uma grande enchente inunda até 80% dos 160.000 km² do Pantanal. No entanto, as características dessa cheia sempre mudam. As áreas inundadas neste ano não são iguais às do ano anterior e, com certeza, serão diferentes no ano seguinte. Basicamente, é impossível prever quais áreas terão mais ou menos água. A inundação também funciona em pulsos (ou ondas) levando cerca de três meses para atravessar todo o bioma. O exato momento de chegada da “onda” e seu tempo de duração em um determinado local, é igualmente impossível prever. O ponto principal é que a pesca no Pantanal deve ser feita quando as águas começam a baixar. Assim, como a onda de inundação se move no espaço, as pessoas também precisam se mover constantemente.

Para complicar um pouquinho mais, muitas baías ou lagos ficam

fechados pela vegetação flutuante (aguapés), e isso impede o acesso dos pescadores. Segundo nossas avaliações, algumas regiões de pesca comunitária chegam a ter 75% de todos os seus corpos de água travados por aguapés, algo como 50% da área de pesca. Vale lembrar que essa vegetação também se move constantemente e, de maneira imprevisível, bloqueia ou desbloqueia baías ao longo do ano.

A conclusão disso tudo é que, a cada semana, o ribeirão é obrigado a apostar num novo local de pesca, considerando que nem todas as baías, lagos ou braços de rio têm peixe ou isca e, dentre aquelas com boas chances de ter, muitas estão fechadas pela vegetação. As possibilidades (ou impossibilidades) são numerosas. Segundo as nossas estimativas baseadas em imagens de satélite e entrevistas, a cada semana, em um universo de 400 possibilidades, apenas duas ou três baías ficam propícias para pesca. Acertar quais são é como jogar na loteria. Mas existe uma diferença essencial: não ser sorteado pode significar passar fome.

Como digerir tamanha imprevisibilidade (e logo após o café da manhã)? O fato é que os pantaneiros vivem nessa região há centenas



de anos e muitos sobreviveram e sobrevivem da pesca. Ou seja, apoiados em um sistema tradicional, cuja base é um alto nível de reciprocidade de informação, eles encontraram uma maneira. Funciona assim: um grupo de pescadores sai para pescar e todos procuram peixe ou isca. À tarde, reúnem-se para trocar informações sobre os locais escolhidos, o que viram e o que pegaram. Todos compartilham suas experiências. Então tomam decisões sobre a melhor área de pesca naquele momento. No dia seguinte, alguns vão pescar na área definida como promissora no dia anterior. E outros testam áreas diferentes. Na volta, novamente se reúnem para mais uma rodada de discussão sobre a pesca, regada a sabedoria tradicional e tere-ré (mate com água gelada, tomado na bombilha). Esse processo é repetido ao longo de todo o ano, e pode ser considerado uma herança de centenas de anos. Funciona como uma loteria em que cada um acrescenta um número. Sozinho ninguém ganharia nada. No entanto, juntos, eles montam uma aposta certa e podem dividir o prêmio.

Esses mecanismos de saber coletivo são chamados de Sistemas Adaptativos Complexos. Entre os pantaneiros, não existe uma decisão central sobre o local ideal para pescar, mas



ações baseadas no comportamento e nas informações do outro, dos muitos outros. Juntos, todos contribuem para o grupo afinar uma adaptação em relação ao ambiente. Ao lado de outros pesquisadores dos Estados Unidos, Europa, Ásia e África estamos desenvolvendo novas teorias com base em sistemas semelhantes ao Pantanal, o que poderá servir para criar ferramentas de manejo mais adequadas à complexidade ecológica e social de alguns ecossistemas e biomas.

Na Borda Oeste do Pantanal, o sistema de pesca compartilhado pelos comunitários assegura um mecanismo sustentável de uso de recursos naturais. Segundo mostram os dados coletados em várias pesquisas – incluindo a aqui descrita – não existem indícios de que a pesca feita pelas comunidades locais tenha diminuído a quantidade ou o tamanho dos peixes. O sistema rotativo permite uma constante recolonização

dos peixes nos corpos d’água e o uso sustentável da área, graças, principalmente, aos refúgios de peixe (garantidos pelas barreiras de aguapés).

O maior problema para tal sistema funcionar é a capacidade de as pessoas das comunidades se deslocarem em grandes áreas, algo em torno de 30 a 40 mil hectares (na região do presente estudo). Nesse sentido, a criação de áreas protegidas – como Reservas de Desenvolvimento Sustentáveis (RDS) – pode ser uma contribuição importante. Ainda inexistente no Pantanal, esse tipo de reserva estimularia o desenvolvimento de mecanismos de manejo adaptados ao ambiente complexo do Pantanal.

Os comunitários conseguiram otimizar a pesca de maneira sustentável, com sua criatividade e o conhecimento gerado pela observação. Precisamos agora de gestores e tomadores de decisão igualmente criativos e capazes de valorizar esse conhecimento tradicional.